

PREFERÊNCIAS DE TURISTAS E RESIDENTES QUANTO A UMA DIVERSIFICAÇÃO TURÍSTICA E RECREATIVA NOS CONCELHOS DE SILVES, ALBUFEIRA E LOULÉ: UMA OPORTUNIDADE DE ADAPTAÇÃO E REFORÇO DE RESILIÊNCIA NUM CONTEXTO CLIMÁTICO EM MUDANÇA

SAMORA-ARVELA¹, André; FERREIRA², Jorge; PANAGOPOULOS³, Thomas; VAZ⁴, Eric.

¹ Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Universidade Nova de Lisboa (UNL), anesamora@gmail.com

² CICS.NOVA, FCSH, UNL, jr.ferreira@fcs.unl.pt

³ Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-Estar (CinTurs), UAlg, tpanago@ualg.pt

⁴ Laboratory for Geocomputation, Faculty of Arts, Ryerson University, Toronto, evaz@ryerson.ca

Resumo: A oferta turística e recreativa dos concelhos de Silves, Albufeira e Loulé, região do Algarve, passa, essencialmente, pela promoção do produto “sol e mar” e pela qualificação dos seus ativos litorais, estabelecendo um quadro de fraca diferenciação turística que, a juntar-se aos impactes das alterações climáticas, representa uma ameaça à resiliência de um território, que, sobranceiramente, assenta o seu desenvolvimento no turismo balnear. Esta base pode vir a ser afetada pela subida do nível médio das águas do mar através da inerente disrupção do recurso turístico, até agora, mais valorizado e sobre o qual recai a dependência do setor turístico deste território: a Praia. Destarte, uma heterogeneização dos produtos turísticos não litorais constitui uma oportunidade de reforço de resiliência regional aos presentes e futuros desafios. Daí emerge a necessidade de estudar, comparativamente, as preferências complementares dos turistas e residentes da região, no sentido de descortinar a sua disposição em diversificar a sua experiência recreativa, vincadamente balnear, não apenas em espaços urbanizados litorais, mas também em territórios interiores de baixa densidade. Consequentemente, esta opção estratégica pode representar uma via de robustecimento da resiliência e sustentabilidade por diversificação e, desse modo, afirmar-se como uma medida de adaptação cultural, e não apenas instrumental, aos impactes das alterações climáticas neste território. Neste âmbito, foi aplicado um inquérito a 400 turistas balneares e a 400 residentes dos três concelhos que constituem a área de estudo no sentido de auscultar o seu interesse por atividades, para além do sol e mar, tais como atividades de turismo da natureza e *touring* cultural e paisagístico. Demonstra-se, através dos resultados obtidos, que é notório o gosto complementar por outros espaços e atividades turísticas e recreativas não balneares, podendo ser importantes na instrução de políticas públicas direcionadas para a valorização das alternativas mais apreciadas.

Palavras-chave: Turismo; diversificação; sustentabilidade territorial; resiliência regional

1. Introdução

O Algarve Central, área constituída pelos concelhos de Silves, de Albufeira e de Loulé, enquadra-se numa amenidade mediterrânica que lhe gera uma diversidade paisagística pouco valorizada e promovida turisticamente, quando comparada com a praia litoral em areal costeiro, que constitui a base económica deste território.

Importa, portanto, conhecer quais são as alternativas preferenciais dos turistas e residentes dos concelhos de Silves, de Albufeira e de Loulé, seja com o objetivo de instruir o enriquecimento diversificador, diferenciador e inovador da atual experiência turística, seja com o desejo de variar a panóplia de produtos turísticos que sustenta o desenvolvimento territorial, como via de reforço da resiliência regional, em virtude do produto “sol e mar” vir a ser afetado pelas alterações climáticas, conhecimento esse que é objeto do presente artigo.

Neste sentido, foi realizado um inquérito a turistas balneares e a residentes dos concelhos de Silves, de Albufeira e de Loulé, com o objetivo de identificar preferências complementares por atividades de turismo da natureza e *touring* cultural, sendo que esse conhecimento poderá identificar, mediante as preferências plasmadas, quais as atividades a priorizar ao nível da sua promoção.

2. Diversificação, Diferenciação e Inovação em Turismo

A diversificação turística cumpre-se através do encorajamento de produtos alternativos pela sua valorização, promoção e apreciação. A diversificação turística só poderá ser eficaz se conduzir à diferenciação de produtos, junto dos segmentos de turistas que almeja cativar. Esta diversificação deve procurar a afirmação de atividades e serviços assentes na identidade biofísica e cultural de um território com o objetivo de garantir uma atratividade a longo prazo, gerando, assim, uma diferenciação fiel, baseada não na liderança de reduzidos preços, mas nas características não imitáveis da oferta (Romão, 2013).

Numa abordagem multi-produto, multi-turista e multi-agente, a conectividade entre instituições a vários níveis, resultante dos benefícios dos sistemas de transportes, das tecnologias de informação e comunicação, dos sistemas de informação geográfica, da infografia, do *design*, as redes sociais e soluções cada vez mais interativas e intuitivas de *software* num mundo em que a internet está massificada (Romão, 2013) impulsionam a inovação na promoção da singularidade de cada território e destino.

Em vários destinos estagnados, encontram-se latentes, por um lado, o reconhecimento, a valorização e a promoção de produtos específicos e inimitáveis de cada destino e, por outro, a sua programação através de sinergias entre as comunidades e os operadores.

Só a inovação poderá fazer emergir a promoção da diversificação turística diferenciadora e, destarte, coadjuvar a gestão sustentável de cada destino e robustecer a competitividade através da sua autenticidade e não da sua mercantilização.

3. Preferências de turistas e residentes quanto a uma diversificação turística e recreativa nos concelhos de Silves, de Albufeira e de Loulé

3.1. Área de Estudo

Nas palavras de Fernando Santos Pessoa (2017, p. 64), *a morte da paisagem existiu desde que o Homem constrói paisagens*. Foi mediante esta premissa que os municípios de Silves, de Albufeira e de Loulé (região do Algarve), pautaram a *praxis* do ordenamento do seu território que se tornou um espaço dual e polarizado entre a paisagem litoral e as unidades de paisagem mais interior.

O litoral destes territórios concelhios consigna-se numa desordenada ocupação urbano-turística, derivada da estreita promoção do produto “sol e mar”, cujo uso é intensivo e sazonal.

O abandono agrícola é razoavelmente transversal a todas as unidades de paisagem interior deste território, consequência do êxodo rural, da transição de mão-de-obra agrícola para o turismo e terciarização. Estes estrangulamentos provêm da fraca competitividade agrícola municipal e regional, fruto da fragmentação da estrutura fundiária agrícola e da pequena dimensão média da propriedade rústica, o que constituiu e constitui um constrangimento à modernização da agricultura (50% dos agricultores da região possuem explorações agrícolas de 2 ha) (Brito, 2009, p. 90).

Uma diversificação direcionada para as atividades de turismo da natureza e *touring* cultural e paisagístico seria, estrategicamente, prolífica, dado que:

- 60% dos turistas sinalizam o património e a oferta cultural algarvia como um atrativo importante na decisão de escolha da região (Silva *et al.*, 2007);
- 87% dos turistas que visitam a região procuram ter outras experiências para lá do sol e mar e 78% apontam a gastronomia como uma das principais atrações (Mendes, Henriques e Guerreiro, 2015), assim como é notória a preferência por produtos regionais do Algarve (Samora-Arvela *et al.*, 2017);
- Pela emergência de novos segmentos de turistas e iniciativas de promoção de atividades de turismo criativo com o objetivo do desenvolvimento sustentável dos territórios de baixa densidade e inerente revitalização de comunidades locais, sendo um exemplo o caso do projeto CREATOUR - *Desenvolver Destinos de Turismo Criativo em Cidades de Pequena Dimensão e em Áreas Rurais* (CREATOUR.PT);
- Adaptação às alterações climáticas, principalmente no concernente à subida do nível médio das águas do mar que, de forma disruptiva, poderá impactar o litoral e a área de praia em areal costeiro e, consequentemente, a base socioeconómica destes concelhos assente no produto “sol e mar”, sendo premente e pertinente que se verifique uma

atenuação desta dependência por diversificação turística em prol da resiliência e sustentabilidade dos territórios.

Assim, torna-se imperioso descortinar o gosto preferencial de turistas e residentes por outras atividades turísticas e recreativas no sentido de desvelar um conhecimento que instrua e concerte, de modo integrado, o recorrido desiderato estratégico.

3.2. Resultados e Discussão

Assumindo a definição de uma estratégia de diversificação turística como oportunidade de reforço da resiliência regional através da ampliação dos domínios que servem de base à socio-economia dos municípios de Silves, de Albufeira e de Loulé, foi aplicado um inquérito a turistas balneares e residentes, composto por 32 questões, versando sobre a sua preferência por atividades de turismo da natureza e *touring* cultural, sobre o seu nível de conhecimento acerca das unidades de paisagem existentes e produtos locais identitários no seio destes territórios e sobre a sua disposição em diversificar a experiência turística e recreativa, num cenário de progressivo constrangimento do produto “sol e mar”.

A dimensão da amostra utilizada foi de 400 turistas e de 400 residentes, sendo que a seleção da amostra foi operada através do método de amostragem aleatória estratificada do número de hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico por município em 2015, segundo o país de residência habitual (INE, 2016), e do número de indivíduos residentes dos Censos de 2011 (INE, 2013). Os turistas foram inquiridos de 1/03/2017 a 28/09/2017, e os residentes responderam nas localidades-sede da freguesia no período de 2/03/2017 a 1/10/2017, segundo a questão plasmada na Figura 1. O grau de preferência foi medido com recurso à escala numérica *1–Não gosto; 2–Gosto pouco; 3–Gosto relativamente; 4–Gosto razoavelmente; 5–Gosto; 6–Gosto muito; 0–Não sabe/não responde*.

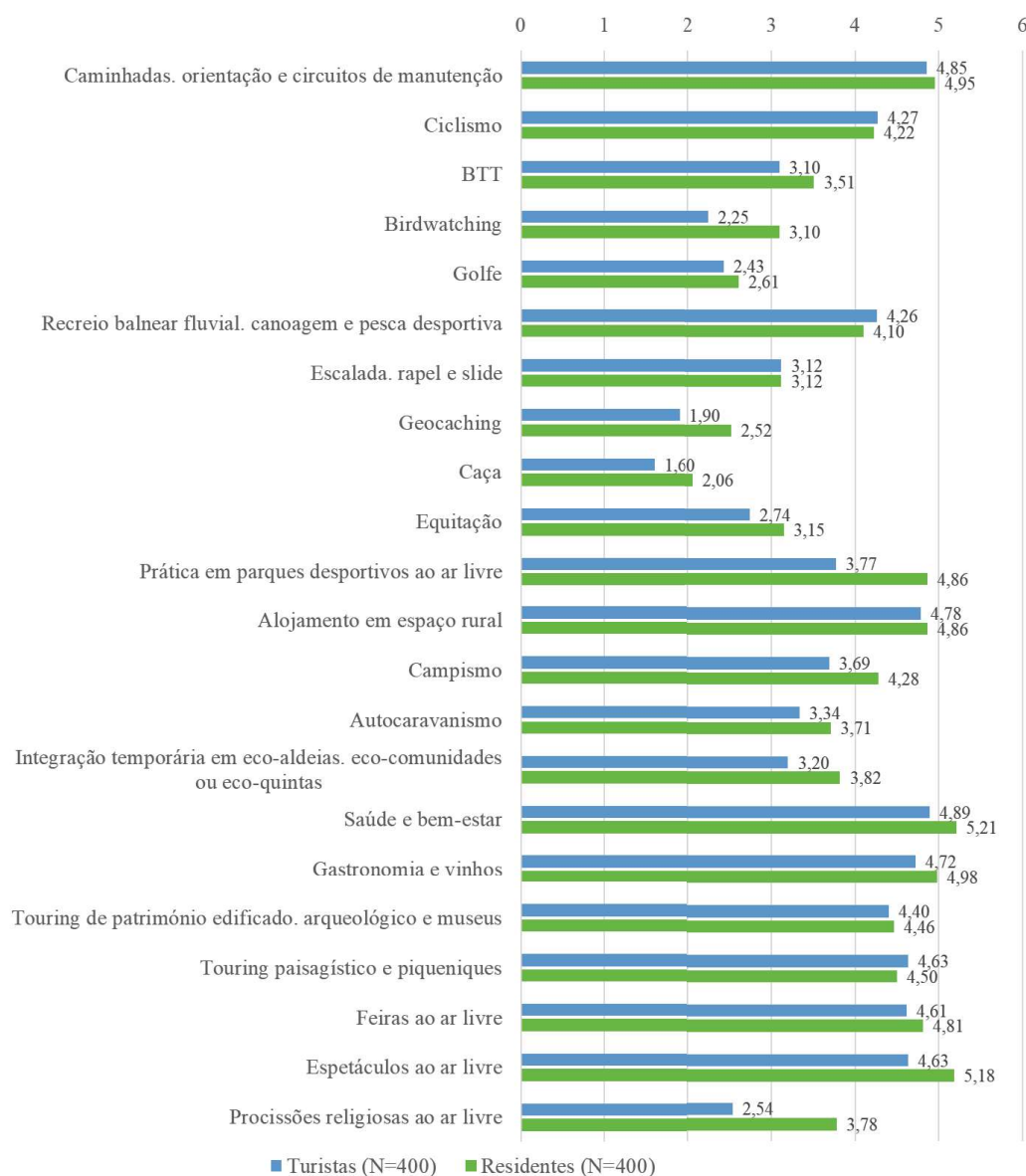


Figura 1: Média das respostas à questão: “Indique o seu grau de gosto por entre as seguintes atividades no seio da infraestrutura verde?”.

Fonte: elaboração própria.

No seio da infraestrutura verde algarvia, os turistas apresentam um grau de gosto ordinal razoável (acima do nível 4-*Gosto razoavelmente*) por atividades de saúde e bem-estar (4,89); caminhadas, orientação e circuitos de manutenção (4,85); alojamento em espaço rural (4,78); gastronomia e vinhos (4,72); *touring* paisagístico e piqueniques (4,63); espetáculos ao ar livre (4,63); feiras ao ar livre (4,61); *touring* de património edificado, arqueológico e museus (4,40); ciclismo (4,27); e recreio balnear fluvial, canoagem e pesca desportiva (4,26) (Figura 1).

No que concerne às atividades de recreio e lazer passíveis de serem valorizadas na infraestrutura verde, ressaltam, no seio dos residentes, as seguintes (acima de 4): saúde e bem-estar (5,21); espetáculos ao ar livre (5,18); gastronomia e vinhos (4,98); caminhadas, orientação e circuitos de manutenção (4,95); prática em parques desportivos ao ar livre (4,86); alojamento em espaço rural (4,86); feiras ao ar livre (4,81); *touring* paisagístico e piqueniques (4,50); *touring* de património edificado, arqueológico e museus (4,46); campismo (4,28); ciclismo (4,22); e recreio banhar fluvial, canoagem e pesca desportiva (4,10) (Figura 1).

A identificação destas assinaláveis preferências pode coadjuvar a promoção turística dos territórios em causa e a formulação de pacotes que incrementem a experiência turística e recreativa através do incentivo ao conhecimento da paisagem desde o litoral à serra, favorecendo, assim e também, os territórios de baixa densidade, diversificando a base socioeconómica e, como tal, atenuando a excessiva dependência municipal e regional do produto “sol e mar”.

4. Conclusões

O presente estudo de auscultação de turistas e residentes permitirá estruturar aptidões culturais que se aliarão às biofísicas no sentido de possibilitar a delineação de um modelo territorial e estratégico de diversificação de produtos turísticos com vista ao reforço da capacidade de resiliência das comunidades e tutela territorial em causa.

Foram identificadas as atividades que podem ser valorizadas e promovidas, complementarmente ao produto “sol e mar”, no sentido de instruir uma estratégia de gestão e promoção deste destino, assente na diversificação de produtos que sejam, efetivamente, diferenciadores pela congruente correspondência às preferências não só de turistas, mas também dos residentes, visto que tal planeamento não pode ser encetado contra eles, mas com eles e por eles.

A diferenciação só poderá partir da gestão sustentável destes territórios municipais e da sua estrutura turística, consubstanciando vantagens, realmente, competitivas na apresentação de um destino rejuvenescido e viável a longo prazo, assegurando uma robusta resiliência destes territórios aos emergentes desafios climáticos e, como tal, garantindo a sua sustentabilidade.

5. Bibliografia

- Benur, A., Bramwell, B. (2015). Tourism product development and product diversification in destinations. *Tourism Management*, 50, 213-224.
- Brito, S. P. (2009). Território e Turismo no Algarve. Faro: Edições Colibri.
- Budowski, G. (1976). Tourism and environmental conservation: conflict, coexistence, or symbiosis? *Environmental Conservation*, 3, 27-31.
- Buhalis, D. (2000). Marketing the competitive destination of the future. *Tourism Management*, 21, 97-116.

- Butler, R. (1980). The concept of a Tourism Area Life Cycle of Evolution: Implications for Management of Resources. *Canadian Geographer*, 24(1), 5-12.
- Cohen, E. (1972). Towards a sociology of international tourism. *Social Research*, 39, 164-182.
- CREATOUR (2019). Projeto CREATOUR - Desenvolver Destinos de Turismo Criativo em Cidades de Pequena Dimensão e em Áreas Rurais. Universidade do Minho, Lab2PT, e outros.
- INE (2013). Censos 2011 – Resultados definitivos, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2016). Inquérito à permanência de hóspedes na hotelaria e outros alojamentos em 2015. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Mendes, J., Henriques, C., Guerreiro, M. (2015). Dos recursos às temáticas culturais na gestão do turismo cultural no Algarve. I. *Journal of Scientific Management and Tourism*, 4, 31-48.
- Romão, J. (2013). Turismo e Lugar – Diferenciação Territorial, Competitividade e Sustentabilidade em Turismo. Lisboa: Escolar Editora.
- Samora-Arvela, A. Vaz, E., Ferreira, J., Panagopoulos, P. (2017). Turismo e Património Gastronómico. *Public Policy Portuguese Journal*, 2(2), 55-69.
- Samora-Arvela, A., Ferreira, J., Panagopoulos, T., Vaz, E. (2019). Tourists, residents and experts rethink the future of Mediterranean regions. In Vaz, E. (Ed.), *Reg. Intelligence*. Suíça, Cham: Springer. No prelo.
- Santos, F. S. (2017). *Intervir na Paisagem*. Lisboa: Argumentum.
- Silva, J. A., Mendes, J., Valle, P., Guerreiro, M. (2007). Consumos culturais dos turistas do Algarve. Faro: Direcção Regional da Cultura do Algarve.